

PARTE 1
LITERATURA

Texto 1:



Texto 2:

Gêneros Literários

A literatura é uma das manifestações artísticas do ser humano, assim como a música, o teatro, escultura e arquitetura. O texto literário é um assunto discutido desde a República de Platão, e sua classificação também é assunto desde então. Segundo Sócrates, quando o personagem toma posse e o poeta desaparece, quando há tragédia e comédia são elementos que estão associados a “imitação”. O simples relato é parte do gênero lírico. Quando o poeta se associa aos personagens o gênero é se transforma em epopeia.

Já, na definição aristotélica, temos aos gêneros épicos (narrativo) e dramático. Há, sobretudo, duas maneiras de narrar: Introdução de um terceiro, quando se insinua a própria pessoa (autor). Na dramática, a imitação acontece pela ajuda de personagens. Portanto, o gênero lírico corresponde ao gênero das emoções, do “eu”. O gênero épico é mais objetivo que o anterior, e está no imaginário, corresponde ao pronome “ele”. Enquanto, o gênero dramático, que é autônomo, corresponde ao pronome: “tu”.

Contudo, toda as classificações não tornam rígido esse espaço criativo que é a escrita literária. Uma narrativa pode ser escrita em poema, e um poema pode ser uma narrativa. As formas não se excluem, por isso, é importante entender a essência dos gêneros, para que fique claro os seus espaços de atuação. Uma prosa é um texto escrito de maneira corrida, uma poesia é em verso.

Portanto, os 3 gêneros maiores são: Lírica, epopéia, dramático. Dentro dos gêneros líricos temos as seguintes possibilidades: poesia, elegia, cantigas. Para a epopéia temos os textos com destinos e narrações de grandes feitos, como: Ilíada e Odisséia; para o gênero dramático: teatro, narrativa, que por sua vez pode se desmembrar em conto, crônica, novela romance.

Crônica: Texto com relatos curtos do cotidiano, associados ao jornalismo.

Conto: Narrativa curta, com menor tamanho, intuito de contar uma história.

Novela: Narrativa breve está entre conto e romance. Dentre as principais características estão: o número reduzido de personagens, sequencialidade dos fatos, linguagem objetiva, narração rápida e a variedade de temas.

Romance: É uma obra literária que apresenta narrativa em prosa, normalmente longa, com fatos criados ou relacionados a personagens, que vivem diferentes conflitos ou situações dramáticas, numa sequência de tempo relativamente ampla.

Questão 1:

Levando em consideração os textos 1 e 2, escolha a alternativa incorreta.

- a) Os gêneros literários são um assunto discutido desde os primórdios da literatura, e por isso a definição é inflexíveis.
- b) O gênero épico é mais objetivo que o gênero lírico, que por sua vez se encontra no campus da subjetividade completa do “eu”.
- c) A épica, a epopéia são cantos dos heróis. Cantos dos destinos, dos grandes feitos, como a história de Aquiles, em Ilíada.
- d) Toda prosa pode ser poética e toda lírica pode ser narrativa.

Texto 3:

Livro: Sagarana. **Autor:** Guimarães Rosa.

Saga + rana.

Saga (Origem germânica): “lenda, conto, fábula, canto heróico”.

Rana (Origem tupi): “aquilo que se assemelha, parecido com”.

Contexto: Regionalista sertão mineiro.

Guimarães é um fabulista por natureza, ele foi criado nos famosos “causos”. O livro Sagarana de 1946. Regionalista universalizante, os personagens passam pelo universo sertanejo (mineiro). Os 9 contos têm caráter mítico.

Texto 4:

“A hora e a vez de Augusto Matraga”

Enredo: Augusto Estêves manda e desmanda no pequeno povoado em que vive. Pródigo, com a morte do pai perde todos os seus bens. Certo dia, Quim Recadeiro dá-lhe dois recados que alterarão sua vida: perdera os capangas para seu inimigo, o Major Consilva, e a mulher e a filha, que fugiram com Ovídio Moura.

Augusto Estêves vai sozinho à propriedade do major para tomar satisfação com seus ex-capangas. O Major Consilva ordena que Nhô Augusto seja marcado a ferro e depois morto. Ele é espancado à exaustão; depois os homens esquentam o ferro usado para marcar o gado do major e queimam o seu glúteo. Augusto, desesperado, salta de um despenhadeiro.

Quase morto, o protagonista é encontrado por um casal de negros, que cuida dele e chama um padre para seu alívio espiritual. Ali diante da religiosidade, Nhô Augusto decide que sua vida de facínora chegará ao fim. Recuperado, foge com os negros para a única propriedade que lhe restara, no Tombador. Trabalha de sol a sol para os habitantes e para o casal que o salvara. Leva uma vida de privações e árduo trabalho, com a finalidade de purgar seus pecados e, assim, ir para o céu.

Um dia, aparece na cidade o bando de Joãozinho Bem-Bem, o mais temido jagunço do sertão. Nhô Augusto e o famigerado jagunço tornam-se amigos à primeira vista e, depois da breve estada, despedem-se com pesar. Com o tempo, Nhô Augusto resolve sair do Tombador, pressentindo a chegada da “sua hora e vez”. Encontra-se por acaso com Joãozinho Bem-Bem, que está prestes a executar uma família, como forma de vingança. Nhô Augusto pede a Joãozinho Bem-Bem que não cumpra a execução. O jagunço encara essa atitude de Nhô Augusto como uma afronta e os dois travam o duelo final, no qual ambos morrem.

In:<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/sagarana-resumo-da-obra-de-guimaraes-rosa/>
Acessado em 15 de setembro de 2020.

Texto 5:

Cena do espancamento:

“Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços. (...) Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinxãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desceu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, (...). Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo um caminho de pragas e judiação. (...) E quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim da légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue. Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu. (...) Os jagunços veteranos da chácara do Major Consilva acenderam seus cigarros, com descanso, mal interessa dos na execução. Mas os quatro que tinham sido bate-paus de Nhô Augusto

mostravam maior entusiasmo. (...) E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major – que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência -, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto”.

In: ROSA, João Guimarães. SAGARANA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Questão 2:

Levando em consideração os textos 3, 4 e 5 responda:

- (1) A religião é o fator essencial que motiva a mudança de vida de Nhô Augusto, como um tipo de recomeço
- (2) “A hora e a vez de Augusto Matraga” conta a história da queda de um homem poderoso em busca de sua redenção.
- (3) Já no nome do livro nota-se a relação policultural que Guimarães tinha com a língua e cultura.
- (4) O casal de negros: Mãe Quitéria e pai Serapião ensinam a moral cristã para Augusto.
- (5) A cena da violência exprime tons de realidade. Nhô Augusto é tratado como um animal, toda essa violência, dá um tom mal da história. Se opondo por exemplo, a situação que o protagonista vivia com os negros.

- a) V, V, V, F, V
- b) V, F, V, F, V
- c) F, F, F, V, F
- d) V, V, V, V, V

Indicações:

Filmes:

“Sagarana, o duelo”. <https://www.youtube.com/watch?v=N5nlqENnVIE>

“A Hora e a Vez de Augusto Matraga”.

Referências bibliográficas:

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. [S. l.]: Editora Perspectiva, 1985. 175 p.

ROSA, João Guimarães. SAGARANA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PARTE 2

QUESTÕES - ENEM 2017

QUESTÃO 09

TEXTO I

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiu três cavalheiros
Todos os três de chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro foi aquele
A quem Tereza deu a mão

BATISTA, M. F. B. M.; SANTOS, I. M. F. (Org.). *Cancioneiro da Paraíba*.
João Pessoa: Grafset, 1993 (adaptado).

TEXTO II

Outra interpretação é feita a partir das condições sociais daquele tempo. Para a ama e para a criança para quem cantava a cantiga, a música falava do casamento como um destino natural na vida da mulher, na sociedade brasileira do século XIX, marcada pelo patriarcalismo. A música prepara a moça para o seu destino não apenas inexorável, mas desejável: o casamento, estabelecendo uma hierarquia de obediência (pai, irmão mais velho, marido), de acordo com a época e circunstâncias de sua vida.

Disponível em: <http://provsjose.blogspot.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2012.

O comentário do Texto II sobre o Texto I evoca a mobilização da língua oral que, em determinados contextos,

- A** assegura a existência de pensamentos contrários à ordem vigente.
- B** mantém a heterogeneidade das formas de relações sociais.
- C** conserva a influência religiosa sobre certas culturas.
- D** preserva a diversidade cultural e comportamental.
- E** reforça comportamentos e padrões culturais.

QUESTÃO 42

Fim de semana no parque

Olha o meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
[...]
Olha só aquele clube, que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente

[...]
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

RACIONAIS MCs. Racionais MCs. São Paulo: Zimbabwe, 1994 (fragmento).

A letra da canção apresenta uma realidade social quanto à distribuição distinta dos espaços de lazer que

- A** retrata a ausência de opções de lazer para a população de baixa renda, por falta de espaço adequado.
- B** ressalta a irrelevância das opções de lazer para diferentes classes sociais, que o acessam à sua maneira.
- C** expressa o desinteresse das classes sociais menos favorecidas economicamente pelas atividades de lazer.
- D** implica condições desiguais de acesso ao lazer, pela falta de infraestrutura e investimentos em equipamentos.
- E** aponta para o predomínio do lazer contemplativo, nas classes favorecidas economicamente; e do prático, nas menos favorecidas.